

Brasil

O Ibovespa fechou a sexta-feira (11) em alta de 1,05%, aos 127.682,4 pontos, com ganho semanal, após a Casa Branca afirmar que Trump está otimista quanto a um acordo com a China. A declaração veio após Pequim elevar tarifas sobre produtos dos EUA para 125%, indicando que essa seria sua última resposta, caso os EUA não aumentem mais suas taxas. Em meio às tensões comerciais e temores de recessão global, o dólar à vista caiu 0,49%, a R\$5,8698, mas acumulou alta de 0,54% na semana.

Açúcar


Os preços do açúcar encerraram a sexta-feira em queda, acumulando perdas superiores a 4% ao longo da semana nas bolsas de NY e Londres. A pressão negativa veio, em grande parte, do cenário externo, especialmente do agravamento da guerra comercial entre Estados Unidos e China, que influenciou os mercados ao longo da semana, inclusive na última sessão.

Apesar de uma tentativa de recuperação impulsionada pela desvalorização do dólar, os preços voltaram a cair diante das preocupações com a retração na demanda global por açúcar. A intensificação do conflito comercial e o consequente aumento das tarifas acabam encarecendo o produto para o consumidor final, o que pode afetar o consumo. As recentes tarifas chinesas sobre produtos americanos subiram de 84% para 125%, enquanto os EUA elevaram suas tarifas para 145% sobre produtos chineses.

Outro fator que contribuiu para o recuo das cotações foi a queda nos preços do petróleo bruto WTI. Esse movimento pode desestimular a produção de etanol, levando as usinas a priorizar a produção de açúcar. Como resultado, há expectativa de aumento na oferta do adoçante, o que pressiona ainda mais os preços no mercado internacional.

Na Bolsa de NY, o contrato maio/25 caiu 0,66%, para 18,00 c/lb, enquanto o julho/25 recuou 0,45%, a 17,83 c/lb. O outubro/25 fechou em 17,97 c/lb, queda de 0,33%, e o março/26 terminou a 18,33 c/lb, baixa de 0,33%. No acumulado semanal, as perdas foram de 4,46%, 4,55%, 4,67% e 4,53%, respectivamente. Em Londres, os contratos também registraram quedas diárias e semanais, com destaque para o outubro/25, que acumulou baixa de 4,63% na semana, negociado a US\$ 498,10 por tonelada.

Internacional


John Williams, presidente do Fed de NY, afirmou que as tarifas comerciais devem elevar a inflação para até 4% este ano, enquanto o crescimento do PIB dos Estados Unidos pode cair para abaixo de 1% e o desemprego subir. Ele destacou a incerteza econômica e a necessidade de cautela na política monetária, defendendo a manutenção da taxa de juros atual para observar os efeitos das medidas em curso.

Commodities


A queda nos preços do petróleo desde a pandemia tem pressionado países exportadores que dependem fortemente da commodity para equilibrar suas contas públicas. Com a intensificação da guerra comercial entre Estados Unidos e China, o Brent despencou para menos de US\$ 60 por barril, levando governos a adotarem medidas como aumento do endividamento, cortes de gastos e cancelamento de projetos. A situação atual lembra momentos anteriores de baixa, que forçaram reformas fiscais duras em diversas nações produtoras.

Alguns países, como o Brasil, estão tentando antecipar receitas com leilões de áreas de petróleo, enquanto outros, como Kuwait e Arábia Saudita, recorrem aos mercados internacionais de dívida. Ao mesmo tempo, governos de economias dependentes, como Iraque, Nigéria, Rússia e México, enfrentam o desafio de manter investimentos e políticas públicas diante de uma arrecadação em queda. Em muitos casos, os preços atuais estão abaixo do necessário para equilibrar os orçamentos nacionais.

Nações sob sanções, como Venezuela e Irã, sofrem ainda mais com o duplo impacto das restrições externas e da queda das cotações do petróleo. Ambos enfrentam dificuldades para manter a estabilidade fiscal e a continuidade de serviços públicos. A conjuntura global mais fraca, somada ao aumento previsto da oferta pela Opep, amplia os riscos de instabilidade econômica e social nos países mais vulneráveis a essa nova fase de preços baixos.